

PARA QUE O ESTATÍSTICO?

Um estudante de mestrado me procura, informa que estava envolvido na tese e em algumas disciplinas de seu curso, e não tinha tempo de realizar a análise estatística requerida pelo orientador. Pede a minha colaboração e sugere, com aparente conhecimento de causa, que deveria ser usado o SPSS para os cálculos.

Na reunião que realizamos, apresentou uma planilha em Excel, com os dados já coletados, na qual já tinha realizado os cálculos de algumas medidas descritivas, lá estava a média, devidamente acompanhada do correspondente desvio padrão, antecedido do já tradicional \pm na sua apresentação.

Em seguida, com grande confiança e aparente segurança, pede que seja feita uma correlação canônica (sic) e um estudo comparativo entre algumas variáveis, indicando com aparente certeza que, um teste t de Student seria desejável porque ele precisava do valor de p para a dissertação. Outra proposta intrigante, foi a de que fosse feito um estudo prospectivo, em particular envolvendo o grupo controle que apresentava uma importante amostra de $n = 5$ elementos.

Diante das propostas feitas, me vieram a mente algumas questões e obviamente dúvidas: Qual o meu papel como estatístico? O rapaz já tinha tudo planejado, indicava a ferramenta a ser usada nos cálculos e até propunha a aplicação de algumas metodologias. Pensei nas propostas e me vi diante de uma realidade intrigante. Onde estariam agora os pressupostos do método estatístico, tão difíceis de serem entendidos e tão arduamente estudados? Os modelos de distribuições representativos dos fenômenos teriam se tornado dispensáveis ou será que sempre foram de pouca importância? E as restrições metodológicas, teriam se tornadas obsoletas, ficariam dispensáveis também? Será mesmo que o rigor que tanto estudamos para aprender e poder utilizar corretamente o método estatístico, não é mais necessário de ser observado?

Fiquei pensando no assunto e me ficou a dúvida sobre onde o rapaz tinha adquirido aquele vocabulário, aqueles nomes e aquela aparente confiança.

Caso ele tivesse tempo, será que teria realmente condições de aplicar as técnicas por ele citadas? Saberá aplicá-las corretamente e caso, tivesse feito, saberia interpretar corretamente os resultados obtidos? Que ilações tiraria desses resultados? Seriam elas válidas?

A situação acima descrita, obviamente caricata, não está muito longe da realidade, é suscita a grande questão: **É o estatístico ainda necessário?**

Com os inúmeros aplicativos especializados em Estatística hoje disponíveis, desapareceu a grande dificuldade inicial, a grande barreira para o emprego da Estatística, o cálculo dos resultados estatísticos. Hoje se obtém regressão múltipla no varejo, análise fatorial parece de fácil aplicação e entendimento. Pode-se através de um aplicativo saber quando aplicar um teste paramétrico ou um não paramétrico?

Nota sobre a profissão de Estatístico: PARA QUE O ESTATÍSTICO?

Prof. Mauricio Pinho Gama

Ao analisar o fenômeno constatamos que, um fator que contribuiu para isto, foi a universalização do ensino de disciplinas de estatística nos cursos de graduação e pós-graduação de todas as áreas que, apesar de elementar, tornou familiar a terminologia do método Estatístico, mostrou a sua importância e, como consequência facilitou o emprego descompromissado do seu vocabulário e perigosamente da aplicação dos seus métodos reforçado pelos aplicativos.

Não acredito que essas disciplinas, com as suas reduzidas cargas horárias, sejam suficientes, para ENSINAR bem os fundamentos do método a ponto de habilitar os alunos a bem empregar a Estatística. Como seria possível adquirir as bases e os fundamentos dos conhecimentos probabilísticos e a decorrente metodologia, necessários à sua compreensão e utilização, em tão poucas horas.

Acredito que este tipo de disciplina é extremamente importante, porém o seu conteúdo deve sofrer uma radical revisão. Em vez do maçante ensino, de forma incompleta, de alguns poucos métodos e de uns poucos cálculos, dever-se-ia concentrar o ensino na beleza e na importância dos conceitos básicos que constituem os fundamentos do método estatístico.

Em suma, o fenômeno que podemos denominar de conhecimento rudimentar, não é restrito a Estatística, em outros campos do conhecimento ocorre o mesmo. Quem não viu ainda o cidadão chegar na farmácia e pedir uma injeção de antibiótico? A substância ativa não importa, os efeitos colaterais muito menos, é o fenômeno da automedicação, equivalente ao que ocorre em estatística, onde o software suplanta as dificuldades de cálculo, porém fornece resultados, se adequados ou não tem importância e como utiliza-los corretamente é outra questão, absolutamente não considerada.

Transcendendo ao acima exposto, surgiu, nos últimos anos, outro problema a ser enfrentado pela classe dos Estatísticos, é o surgimento de novos perfis profissionais, assemelhados ao Estatístico. O mais recente e em plena moda, é o denominado Cientista de Dados que, no meu entender, é apenas um eufemismo para o estatístico, simplesmente mais moderno. Esta nova denominação é equivalente à do chamado Cientista Político que nada mais é do que um Sociólogo, talvez um adjetivo mais elegante.

Estes modismos, nas denominações das profissões, fragilizam a legislação atualmente existente, gerando alguma insegurança jurídica. Imagine-se, por exemplo, diante do desenvolvimento do direito e da medicina passássemos a ter novas denominações profissionais derivadas das suas diversas especializações.

No caso, em discussão, da profissão de Estatístico a solução do problema se faz por duas vertentes, a primeira é através de uma formação atualizada e moderna do profissional da Estatística. Aqui, a revisão dos atuais currículos é imperiosa para adequá-los a modernidade do método e fornecer de forma atualizada o conhecimento

das novas técnicas de análise de dados. O domínio, das modernas técnicas da Estatística seria a arma fundamental contra este modismo de fachada.

A segunda vertente seria regulamentando, com base na atual legislação que dispõe sobre a profissão de Estatístico, novos tipos de registro de profissionais, não é lógico nem coerente e muito menos aceito pelo senso comum que, possuidores de títulos de pós-graduação em Estatística e professores de disciplinas desta área não possam obter registro profissional de Estatístico.

A legislação que regulamenta a profissão de Estatístico, não se refere a bacharel e sim *“... aos possuidores de diploma de conclusão de curso superior de estatística...”*

A limitação desse registro, unicamente aos bacharéis de Estatística, é uma atitude retrograda, originaria de uma reserva ultrapassada de mercado de trabalho que, não acrescenta nenhum benefício a profissão. Ademais não considera que o mercado dá preferência, para exercer a função de Estatístico, muito frequentemente, a outros profissionais. Observe-se que, para contornar uma eventual fiscalização de registro, são contratados profissionais sob outra denominação.

Diante do exposto, fica claro a responsabilidade do sistema, formado pelo Conselho Federal de Estatística e seus Conselhos Regionais, no sentido de promover uma discussão do conteúdo curricular na formação dos atuais bacharéis e talvez mesmo discutir a própria definição dessa importante categoria profissional., além de considerar em ampliar a classe incluindo os pós-graduados em estatística e os docentes dessa disciplina.